




**Vitorino
Nemésio**

Sob os Signos
de Agora

Conhecimento
de Poesia



Este é o primeiro volume da série Ensaio da Obra Completa de Vitorino Nemésio. Com esta edição, destinada a um público vasto, em que cada volume é revisto e apresentado por um especialista na matéria, a Imprensa Nacional e a editora Companhia das Ilhas dão um contributo decisivo para a divulgação e o conhecimento da obra de um dos escritores que ficarão para a história da literatura portuguesa do século xx: Vitorino Nemésio.

Vitorino Nemésio

Obra Completa

Direção Literária

de Luiz Fagundes Duarte

Sob
os Signos
de Agora

Conhecimento
de Poesia

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Companhia das Ilhas
Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico

www.companhiadasilhas.pt
www.facebook.com/companhiadasilhas.lda.9
companhiadasilhas.lda@gmail.com

© Companhia das Ilhas
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

COLEÇÃO
Obra Completa de Vitorino Nemésio

TÍTULO
Sob os Signos de Agora
Conhecimento de Poesia

AUTOR
Vitorino Nemésio

DIREÇÃO LITERÁRIA
Luiz Fagundes Duarte

DESIGN E CAPA
Rita Múrias | Paulo Barata

EDIÇÃO, REVISÃO E PAGINAÇÃO
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
e Companhia das Ilhas

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO
Agosto de 2019

ISBN
978-972-27-2774-7

DEPÓSITO LEGAL
454 601/19

EDIÇÃO
1023313

Vitorino Nemésio

Obra Completa

Ensaio

I

Sob
os Signos
de Agora

Conhecimento
de Poesia

Edição
de Ângela Correia

Imprensa Nacional · Companhia das Ilhas
Lisboa · Lajes do Pico
2019

Nota editorial

O presente volume reúne duas peças do pensamento crítico de Vitorino Nemésio. Sendo ambas compostas de dispersos, o livro que o leitor tem agora nas mãos segue o trilho que lhes marcou a história editorial. Tal como os livros aqui reunidos, este, que os reúne, procura coerência na temática abordada e na abordagem crítica de que faz uso o autor.

A questão da coesão e coerência parece ter preocupado mais Nemésio quando organizou o volume *Conhecimento de Poesia*, em 1958, do que quando organizou o volume *Sob os Signos de Agora*, em 1932. Claro que, em 1932, Nemésio tinha 31 anos e acabara de começar a carreira académica na Universidade de Lisboa. Já em 1958, o escritor contava 56 anos, tinha já consolidado a carreira académica e acumulara experiência letiva em Bruxelas e no Brasil. Tal passagem pela academia não o deixara certamente indiferente às subtilidades da organização antológica, à pena que sempre atormenta quem as empreende: como juntar o que é diverso, como encontrar no que é diverso o que possa unir.

No prefácio à primeira edição de *Conhecimento de Poesia*, Nemésio refere a heterogeneidade de alcance dos textos reunidos, distinguindo três de maior fôlego dos restantes que considera «recensões de livros que iam aparecendo e crónicas de poesias». Distingue igualmente o trabalho do «estudioso», onde procura «dissecar os textos», e o do «escritor e poeta», onde, segundo afirma também no prefácio da primeira edição, encontraremos mais reações, intuitivas e conformes ao gosto pessoal, a personalidades e obras literárias. Ao longo dos textos, surpreenderemos Nemésio com livros nas mãos, acabados de chegar, quase intocados ou mesmo intocados, por vezes já anotados segundo um método que

nos escapa; livros sobre os quais discorre ou, como ele próprio confessa, aos quais reage. Boa parte da crítica reunida em *Conhecimento de Poesia* é crítica de reação ao que vai saindo e chegando à mesa de trabalho do escritor, com valor bastante para nele provocar pensamento crítico.

Um dia, com vagar e serenidade, tentarei um ensaio global sobre o homem e os livros, que tenho anotados e remetidos de uns para os outros sob um sábio sistema de siglas.

[V. p. 188]

Hoje recebo de mãos piedosas o seu *Bosque Sagrado*, o seu livro de poemas, com um pinheirito verde na capa de cartolina farpada, como o que (só mais esguio) enfeitava a edição *couché* do *Só* de António Nobre.

[V. p. 505]

Belo e radioso *Coral*, este livro de Sofia Andresen. Mas agora mesmo reparo, ao fechá-lo sem quase o ter tocado [...]

[V. p. 538]

De entre os poetas, Fernando Pessoa, Afonso Duarte, Mário de Sá-Carneiro, o segundo dos quais felizmente ainda vivo e ativo (aqui a meu lado, ainda fechada, a sua última *Sibila*), estão mais perfeitamente nos casos.

[V. pp. 425]

A quantidade de textos críticos desta natureza explica por que, na primeira edição de *Conhecimento de Poesia*, datada de 1958, o anterrostro ostenta a declaração de valor genológico «Jornal de Vitorino Nemésio». Melhor se entende o início do terceiro parágrafo do prefácio: «Páginas

Sob os Signos de Agora

Sob os signos de agora, do meu transe pessoal aos trinta anos, vai este livro fazer a *viagem à roda do meu quarto* de todos os impressos portugueses. Nele fracassaram, sob a forma ensaística que o jornal às vezes comprimia até uma espécie de equivalência em prosa do soneto, alguns temas urdidos mentalmente no decorrer de leituras. Tem por isso, na ordem ideada, a frescura das coisas que não repassaram todo o espírito, e ficará como o roteiro de uma sensibilidade lírica, — demasiado lírica! — no momento em que começava a tentar a volta da cultura.

O drama do espírito português representa-se no ponto de inserção de um prolongamento do hábito contemplativo, que vem direito da decadência no remanso da *ocupação*, com o ramo de uma curva de aspiração ao nosso tempo, que age muito mais do que contempla. Comparsa desse drama, não era possível furtar-me ao adereço geral da trupe, e por isso os *signos de agora* não são propriamente os do meridiano europeu, mas os signos particulares de uma cultura embebida no século XIX e ainda a braços com a pouco brilhante tarefa de o assimilar ou remover.

Foi ao Prof. Joaquim de Carvalho, administrador da única editorial portuguesa que tem podido furtar-se à baixa pressão do meio, que ocorreu reunir sob a rubrica tácita de «Ensaístas dos trinta anos» meia dúzia de livros de novos, guiado decerto pelo seu subtil instinto de historiador das ideias, que tenta surpreender nos que já subiram à vida os sintomas da justa revolução. Claro que esta atitude, rigorosamente motivada, supõe no corpo nacional a persistência de ideias mortas, por sobre cuja carcaça ainda à vista se sente abrolhar um renovo. Se é verdade, como

proclamava Herculano, que «as gerações são solidárias», expiamos os desvios de uma tradição cultural retrocedente e pouco ágil, que perdia o melhor da sua honrada vigilância em seguir o voo pairado de algumas andorinhas tardias. Refiro-me principalmente ao cansaço com que a geração, chamada de 60, admiravelmente brincou com a flor do espírito coevo sem a aclimatar fortemente, erigindo-a mesmo contra o canteiro ainda fresco da ideologia romântica, que, se parecia desmentir na maior parte das suas formas uma semente pura, a enceleirava com amor nas arcas nacionais. Em progressão fatídica, os homens de 1890 agravaram o desafino, importando com sinceridade os novos padrões da estética e os métodos das ciências antropológicas, mas cortando com a capacidade intimamente criadora que, pior ou melhor, assinalara as camadas anteriores. Mais arraigados, prezando-se do lábaro nacionalista, e possuídos assim de uma nobre inquietação portuguesa, estes homens, felizmente vivos na maior parte, foram contudo demasiado formais, trocando pelo pitoresco e pelo documental uma atividade que se queria mais vitalmente humana. Um mundo espetacular, vivido de fora adentro, substituiu-se assim entre nós à íntima agitação que, para lá da fronteira ou para lá dos Pirenéus, leva cada corpo de cultura absorvido em si mesmo e simultaneamente aderido à inquietação universal. A nós, rapazes, a órbita de cultura em que nos foi dado nascer parece-se, assim, com a do absurdo avião ou bólido celeste a cujos viajantes ocorresse trocá-lo pela própria atmosfera, de onde, umbilicalmente unidos ao balão misterioso e disparado, o vão dardejando com olhos de quem o atamanca e admira...

É esta atitude que, nos fragmentos que vão ler-se, quasi todos incidindo sobre temas dos últimos cem anos, timidamente se documenta.

Se não me engano, esboça-se na maior parte da geração a que pertença uma recidiva no erro da de 1860, que consiste em tentar uma cultura nova sobre o repúdio da antiga, — e os sintomas aparecem, exatamente como em 90, no foro da estética acertada pelos fusos horários de França

e retocada pela forte e perigosa sedução das filosofias intuicionistas. Este retoque somaria aos vícios de 90 os imediatamente anteriores.

Seja, porém, como for, a verdade é que estamos em face de um novo *agora*, que mais nos incita a pontualizarmo-nos no seu seio do que a peguilhar, em estilo do Restelo, entre Lisboa e Greenwich. A nénia e a crítica ficam para depois.

Casualmente escrito ao escoar do último grão dos meus trinta anos, este prefácio a um livro que não chega a ser coisa alguma verte melancolia. Se eu chegar a ser alguma coisa, o melhor de mim será a consciência um tanto severa do que poderia ter sido, teimosamente ligada à saudade e ao amor do que deixei.

Coimbra (Cruz de Celas),

Quinta das Albergarias,

19 de dezembro de 1931.

V. N.

Prefácio da 1.^a edição

Conhecimento de Poesia seria um título ambicioso se o tomássemos no sentido de uma consideração estética de problemas da arte verbal — aqui, cingida a verso. Alguma coisa dessa vontade especulativa terá passado a estas linhas de crítica circunstancial, predominantemente impressionistas. Mas o grosso da coluna é obra de franco-atirador, reação quase sempre imediata de um poeta que responde a outros poetas, caçadores do inefável saídos aos campos de Deus...

Assim, por *conhecimento* há de entender-se o que uma recetividade pessoal comovida e afim possa revelar de aproximado à compreensão suficiente da criação alheia. Se nada se apurar, mesmo assim, apelarei poeticamente para o sentido bíblico, nupcial, do conhecer. Ninguém me pode impedir de ter conhecido a Poesia, embora com abuso e violência. O resto é com o remorso e o perdão...

Páginas do *Jornal* do autor, nos termos em que o expliquei na «Advertência» ao volume *Corsário das Ilhas* (1956), as deste livro marcam atitudes diversas, desde considerações muito gerais sobre a natureza da poesia, suas relações com o pensamento e a religião, etnicidade, nação e ideologia nos poemas, as correntes de estilo, os temas, as personalidades.

«O Poeta e o Isolamento (Roberto de Mesquita)» e «Vida e Obra de Afonso Duarte» aspiram a estudos de conjunto sobre dois dos poetas portugueses mais significativos e menos celebrados dos últimos cinquenta ou sessenta anos. «Poesia e Humor», focando três livros de poemas de António de Sousa e, através deles, o perfil do poeta e a sua evolução, tem

O CENTENÁRIO DAS FLORES DO MAL

«Eu não sou o fatal e triste Baudelaire / Mas analiso o sol e decomponho as rosas» — dizia Gomes Leal na «Bela flor azul», secção «Inspirações do Sol» das *Claridades do Sul*. Era pois a poesia análise espectral. E o «decompor das rosas»? Taxinomia? Química orgânica? Um pouco das duas, mas talvez sobretudo (que as palavras, no poeta, são pontes de sentido perigosas de atravessar, ou, baudelairianamente, «correspondências») amor do putrefacto (*charogne*), gosto de rosas podres, ramo de jarras parnasianas atirado à estrumeira... De rosas, por exemplo, se alimentava Judite, «madona no Campo Santo», estética filha de Fialho: e Fialho foi um epígono do baudelairianismo — em que pese à sua total abstinência de versos. Um baudelairianismo nascido no ano das *Flores do Mal*.

Com efeito, embora já tivesse assinado o contrato da edição com o paleógrafo e bibliógrafo Augusto Poulet-Malassis em 1856, só em fevereiro de 57 Baudelaire lhe entregou o manuscrito, em Alençon; em julho circulava o livro, logo apreendido em Paris. Eram 20 de agosto e já editor e poeta respondiam em polícia correcional, acusados pelo magistrado que, no mesmo ano, faria o ministério público contra *Madame Bovary*, e multados por ultraje à moral e aos bons costumes.

Que livro era este, de versos, para irritar assim a fina, balzaquiana sociedade do fim do Segundo Império? Um livro com

poemas intitulados «Lesbos», «Mulheres Danadas», «As Metamorfoses do Vampiro» — mandados expurgar do volume — era necessariamente uma pedra de escândalo. Falava de fel, de horror, de nudez, de podridão. Cantava o mau cheiro, as horizontais, o palhaço, o voraz *malstroom*...

E, todavia, nunca se havia falado, em prosa ou verso franceses, de coisas tão vis com palavras tão rítmicas e precisas; nunca se tinha mostrado o secreto dos pensamentos com tanta lisura e um sentido tamanho da culpa e da sua confissão. Por alguma coisa o livro de Baudelaire se chamara primitiva e autenticamente *Os Limbos*, isto é: a zona neutra, baça, inerte, do *au-delà* — nem Céu, nem Inferno, nem mesmo Purgatório: apenas um lugar indescritível, talvez como na Terra o morno tédio e o mortal *spleen*, vizinho do impotente «ideal».

Mas *Os Limbos* parecia ao editor um título incolor, inodoro... *As Flores do Mal* sim, que inculcavam facilmente ao leitor ávido de escândalos boa mercadoria. *As Flores do Mal*, aliás, eram apenas doze, a antepenúltima parte do livro, entre «O Vinho» e «A Revolta» — enfim o ramalhete que os juízes do correcional mandariam suprimir inexoravelmente. Baudelaire transigiu com o romanesco título que tanta ressonância e poder de proliferação viria a ter em todas as literaturas. Cá tivemos também, em prosa e verso, variados canteiros da semente: flor do mal, flor do pântano, flor da rua... O Mal, apenas baçamente entificado pelos românticos, tinha enfim a sua flora poética cuidadosamente matizada.

Livro de intimidade e de extroversão, *As Flores do Mal* foram a grande vertente da estética do verbo, nos tempos modernos: não um mero instrumento de ductilização do estilo poético, operação que o Parnaso em bloco — e não só Baudelaire — levava a cabo,

Editora deste volume

Ângela Correia

Maputo, Moçambique, 1967.

Filóloga. Doutora em Literatura Portuguesa, é professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Vitorino Nemésio | Obra Completa

ISBN 978-972-27-2774-7



9 789722 727747



N I M P R E N S A
N A C I O N A L



COMPANHIA
DAS ILHAS